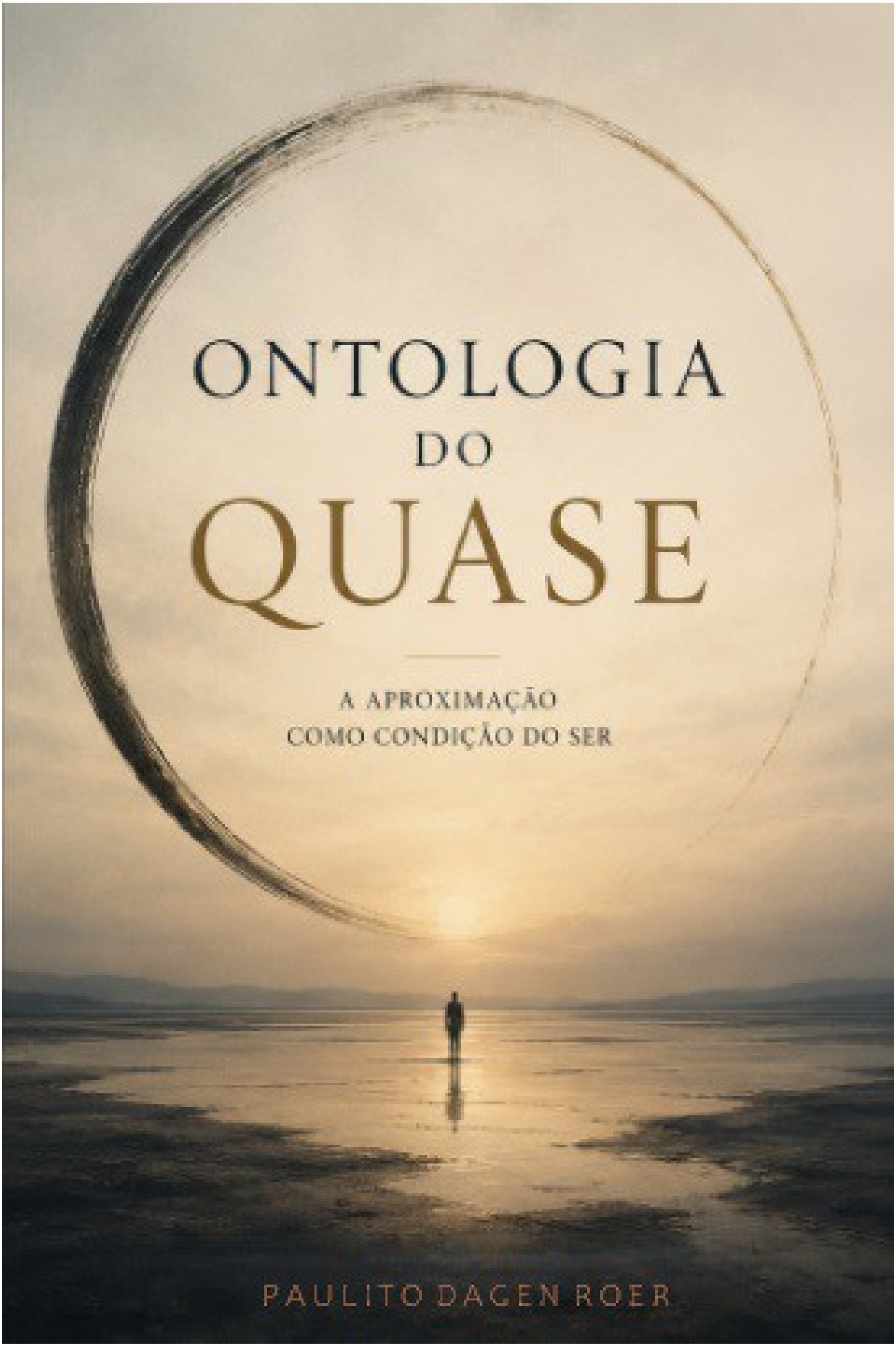

ONTOLOGIA
DO
QUASE
A APROXIMAÇÃO
COMO CONDIÇÃO DO SER
PAULITO DAGEN ROER

Ontologia do Quase

Paulito Dagen Roer

Ontologia do Quase

Paulito Dagen Roer

Primeira edição

Junho de 2026

Escrito entre 2025 e 2026.

NOTA DO AUTOR

As páginas que seguem não constituem um tratado.

Também não constituem um romance ou um livro de poemas.

Foram escritas como Atas de descoberta.

Cada Ata procura registrar o aparecimento gradual de uma formulação.

O que se encontra aqui não é uma verdade alcançada, mas um percurso de aproximação.

Sumário

Prólogo — O Ser é Aproximação

Parte I — Atas da Descoberta

Ata I — O Quase como Aproximação

Ata II — O Quase e a Disponibilidade

Ata III — O Quase e a Forma

Ata IV — O Quase e o Intervalo

Ata V — O Quase e a Não Coincidência

Ata VI — O Quase e a Transformação

Ata VII — O Quase e o Retorno

Ata VIII — O Quase e o Nada

Ata IX — O Quase e o Passe

Ata X — O Quase e o (re)Início

Epílogo — O Mundo Continua

Interlúdio

"Toda formulação deixa atrás de si um campo."

Parte II — Caderno dos Recomeços

Coda — A Aproximação Continua

Notas de Proveniência

Prólogo — O Ser é Aproximação

O ser não é aquilo que é.
O ser é aquilo que se aproxima de si.

Não sei exatamente quando a inquietação começou.

Durante muito tempo aceitei uma ideia que parecia simples demais para ser questionada.

As coisas são aquilo que são.

Uma árvore é uma árvore.

Uma pedra é uma pedra.

Uma pessoa é uma pessoa.

A frase possuía a tranquilidade das evidências.

Parecia descrever o mundo tal como ele se apresenta.

Por isso raramente exigia atenção.

Mas aos poucos uma pequena dificuldade começou a surgir.

Não apareceu como argumento.

Não apareceu como teoria.

Apareceu como observação.

As coisas mudavam.

Nada de surpreendente havia nisso.

Todos sabem que as coisas mudam.

O que me intrigava era outra coisa.

Apesar da mudança, continuávamos reconhecendo as coisas.

Uma árvore permanecia sendo árvore.

Um rosto permanecia sendo rosto.

Uma palavra permanecia sendo palavra.

Mas nada nelas permanecia exatamente igual.

Aquilo que continuava era também aquilo que se transformava.

Essa coexistência começou a produzir uma estranheza.

Quanto mais eu observava, mais difícil se tornava localizar uma coincidência perfeita.

Tudo parecia conservar uma pequena distância em relação a si mesmo.

Uma distância discreta.

Quase invisível.

Mas persistente.

Foi então que surgiu uma pergunta.

Não uma pergunta elaborada.

Apenas uma suspeita.

E se o ser não fosse aquilo que é?

A formulação me pareceu excessiva.

Talvez até absurda.

Mesmo assim continuei retornando a ela.

Porque a dificuldade permanecia.

Se algo coincide plenamente consigo mesmo, por que muda?

E se muda continuamente, em que sentido coincide plenamente consigo mesmo?

A questão não procurava negar a existência das coisas.

Procurava compreender seu modo de existir.

Passei então a prestar atenção menos nas identidades e mais nos movimentos.

Menos nas conclusões e mais nas passagens.

Menos nos resultados e mais nos processos pelos quais algo consegue aparecer.

Foi nesse deslocamento que uma nova hipótese começou a tornar-se possível.

Talvez existir não signifique coincidir consigo mesmo.

Talvez existir signifique aproximar-se de si.

A diferença entre as duas formulações parece pequena.

Mas ela altera tudo.

Coincidir implica repouso.

Aproximar-se implica movimento.

Coincidir sugere conclusão.

Aproximar-se sugere continuidade.

Coincidir encerra.

Aproximar-se permanece aberto.

Durante muito tempo não soube o que fazer com essa hipótese.

Ela parecia simples demais para sustentar uma investigação.

Mas também parecia insistente demais para ser abandonada.

Quanto mais observava o mundo, mais a reencontrava.

Nas formas que surgiam.

Nas formas que desapareciam.

Nos retornos.

Nas transformações.

Nos recomeços.

Em toda parte aparecia a mesma impressão.

Nada estava completamente pronto.

Nada estava completamente concluído.

Nada estava completamente encerrado em si.

Tudo parecia continuar.

Tudo parecia aproximar-se.

Foi então que compreendi que a questão não dizia respeito apenas às coisas.

Dizia respeito também ao próprio pensamento.

Talvez pensar não seja alcançar definitivamente uma verdade.

Talvez pensar seja acompanhar uma aproximação.

Talvez as ideias também habitem essa região onde algo procura tornar-se visível sem jamais encerrar completamente seu movimento.

As páginas que seguem nasceram dessa suspeita.

Não procuram demonstrar uma doutrina.

Não procuram estabelecer um sistema.

Procuram acompanhar uma descoberta.

Ou melhor: uma série de descobertas que surgiram quando deixei de perguntar o que as coisas são e comecei a perguntar como continuam.

Foi nesse caminho que apareceu uma palavra.

Uma palavra modesta.

Uma palavra quase insignificante.

Quase.

A princípio ela parecia apenas um detalhe da linguagem.

Mas aos poucos começou a adquirir outra densidade.

Talvez porque nomeasse exatamente aquilo que eu procurava compreender.

Nem a coincidência.

Nem a falta.

A aproximação.

As páginas que seguem são o registro dessa investigação.

Não a investigação de um mundo oculto.

Mas deste mundo.

Deste mundo que nunca coincide plenamente consigo mesmo.

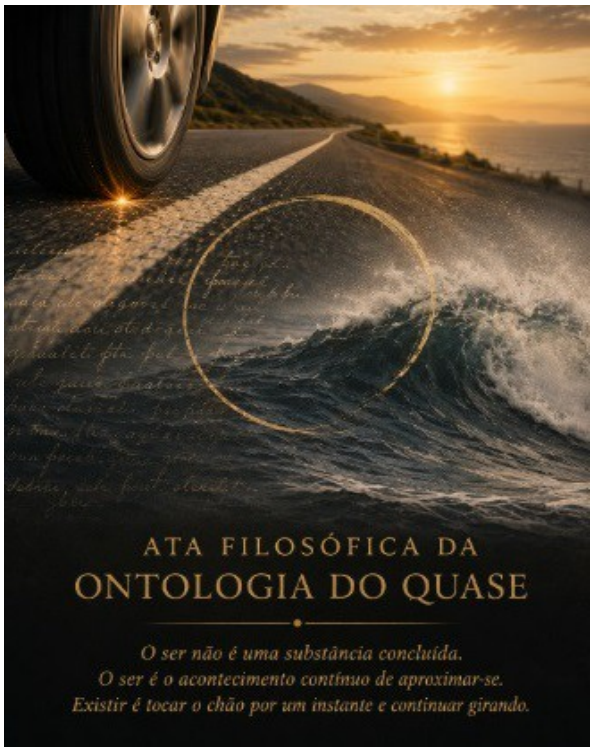
E que justamente por isso continua.

Se existe uma formulação capaz de orientar a caminhada que começa aqui, ela é apenas esta:

O ser não é aquilo que é.

O ser é aquilo que se aproxima de si.

Parte 1 — Atas da Descoberta


ATA FILOSÓFICA DA
ONTOLOGIA DO QUASE
O ser não é uma substância concluída.
O ser é o acontecimento contínuo de aproximar-se.
Existir é tocar o chão por um instante e continuar girando.

Ata I — O Quase como Aproximação

O Quase é o nome ontológico da aproximação.

Após longa convivência com Prometeu, Platão, a psicanálise, Clarice Lispector e Virginia Woolf, cheguei à hipótese de uma região da experiência ainda insuficientemente descrita pelas categorias tradicionais da filosofia.

A metafísica orientou-se pela verdade. A psicanálise revelou a falta. Entre ambas percebo um domínio mais discreto: a aproximação. A esse domínio dou provisoriamente o nome de Quase.

O Quase não designa insuficiência. É a condição pela qual algo existe sem coincidir plenamente consigo mesmo.

Tudo o que vive aproxima-se. Tudo o que pensa aproxima-se. Tudo o que nomeia aproxima-se. Nenhuma palavra encerra definitivamente aquilo que procura dizer. Nenhum sujeito coincide

inteiramente consigo mesmo. Nenhuma obra alcança seu último significado.

A literatura testemunha essa condição. De Homero aos contemporâneos, vejo em cada obra uma aproximação singular do indizível. Os cânones fixam provisoriamente essas aproximações. Mas toda fixação produz seu limite.

Clarice Lispector conduz a linguagem até seus desvãos. Não estabiliza o ser. Reabre a experiência.

Em Água Viva, encontro uma imagem decisiva: o presente é o instante em que a roda toca o chão. Esse toque desaparece. Mas seu desaparecimento permite o toque seguinte.

Daí nasce minha sequência ontológica:

Início → Quase → Fim → Nada → (re)Início.

O Início inaugura. O Quase movimenta. O Fim fixa. O Nada reabre. O (re)Início aproxima novamente.

Não vejo nisso uma linha reta. Vejo uma respiração, uma roda, uma onda, uma passagem.

O Nada não é negação. É abertura. O (re)Início não restaura a origem. Produz nova aproximação.

Para Platão, o intervalo orienta-se para a verdade. Para a psicanálise, revela a falta. Para o Quase, torna possível a aproximação.

Não habito a verdade. Não habito a falta. Habito o intervalo.

Talvez o nome poético desse intervalo seja Quase.

Ata II — O Quase e a Disponibilidade

A aproximação só existe porque há uma abertura que a recebe.

Quando formulei que o Quase era o movimento da aproximação, a imagem da roda pareceu suficiente. Ela tocava o chão apenas por um instante e seguia. O toque não permanecia. O movimento não cessava. Naquele breve contato reconheci uma figura do existir. Existir era aproximar-se.

Durante algum tempo julguei que essa imagem continha tudo o que o Quase precisava dizer. A roda oferecia o movimento, a passagem e o retorno. Ela mostrava como algo pode tocar sem permanecer e continuar sem se perder.

Mas uma pergunta permaneceu.

O que permite à roda tocar?

O que recebe sua passagem?

Percebi então que a aproximação não bastava para explicar a si mesma. Nada se aproxima do que está absolutamente fechado. Nada se aproxima do que está absolutamente concluído. A própria ideia de aproximação exige uma disponibilidade.

Foi nesse momento que o espelho reapareceu.

Não o espelho da identidade. Não o espelho que devolve um rosto. Mas o espelho vazio descrito por Clarice Lispector. Aquele que permanece sozinho. Aquele que nada guarda para si. Aquele cuja profundidade não vem do que reflete, mas daquilo que está sempre disposto a acolher.

Compreendi então que a roda e o espelho não se opunham.

A roda mostrava o movimento.

O espelho mostrava a disponibilidade.

A roda figurava a aproximação.

O espelho figurava a abertura necessária para que a aproximação pudesse acontecer.

Nenhum dos dois bastava sozinho.

Sem a roda, nada acontece.

Sem o espelho, nada pode acontecer.

Formulação alcançada:

A aproximação só existe porque há uma abertura que a recebe.

Ata III — O Quase e a Forma

A forma não é uma substância.
A forma é o instante em que uma
aproximação consegue permanecer.

Depois da roda e do espelho, pensei que a questão estivesse suficientemente encaminhada.

A roda havia mostrado que existir não era permanecer imóvel, mas aproximar-se.

O espelho havia mostrado que nenhuma aproximação acontece sozinha. Algo precisa acolhê-la. Algo precisa permanecer disponível para que ela encontre passagem.

Durante algum tempo essa formulação me pareceu suficiente.

Mas então uma dificuldade começou a surgir.

Se a aproximação acontece e encontra uma disponibilidade, por que algumas coisas aparecem?

Não pergunto por que existem.

Pergunto por que aparecem.

Uma nuvem atravessa o céu e, por um instante, reconheço uma forma.

Uma palavra atravessa o pensamento e, por um instante, reconheço um sentido.

Um rosto atravessa os anos e, apesar das mudanças, continua sendo aquele rosto.

O que exatamente acontece nesse instante?

A resposta mais imediata seria dizer que a forma já estava lá.

Mas essa resposta começou a me parecer estranha.

Nada do que observo permanece idêntico a si mesmo.

A nuvem muda.

O rosto muda.

A palavra muda.

Eu mesmo mudo enquanto procuro observá-los.

Se tudo muda, talvez a forma não seja aquilo que permanece apesar da mudança.

Talvez a forma seja precisamente um modo da mudança.

Passei então a olhar para as coisas de outro modo.

Uma onda não possui uma forma separada do mar.

Ela é apenas um certo arranjo provisório do movimento.

Quando o movimento muda, a forma desaparece.

Mas não desaparece porque algo foi destruído.

Desaparece porque outra configuração começou a surgir.

Talvez toda forma seja assim.

Não uma substância.

Não um objeto escondido atrás das aparências.

Mas um instante de estabilidade alcançado pelo próprio movimento.

Essa hipótese modificou silenciosamente tudo o que eu vinha pensando.

Porque a forma deixou de ser aquilo que resiste ao fluxo.

A forma passou a ser aquilo que o fluxo consegue produzir.

Aproximação e disponibilidade não permanecem invisíveis.

Quando se encontram, produzem um contorno.

Produzem uma figura

.

Produzem uma presença.

Chamamos essa presença de forma.

Mas a forma não encerra o movimento que a produziu.

A forma é apenas a superfície momentânea de uma aproximação em curso.

Talvez por isso exista algo de delicado em toda forma.

Basta observá-la durante tempo suficiente para perceber que ela já está mudando.

O que vejo diante de mim não é uma identidade concluída.

É uma aproximação que conseguiu permanecer por um instante.

Quanto mais penso nisso, mais me parece que as formas não são o contrário do Quase.

São uma de suas expressões.

O Quase não produz apenas deslocamentos.

Produz também aparições.

Produz os instantes em que algo consegue reunir-se ao redor de si e adquirir contorno.

Mas nenhum contorno é definitivo.

Nenhuma figura coincide plenamente consigo mesma.

Toda forma guarda em seu interior a possibilidade de outra forma.

Toda presença contém uma futura transformação.

Talvez seja por isso que as coisas não se esgotam quando aparecem.

Continuam.

Continuam porque a forma não conclui a aproximação.

Apenas a torna visível.

Ao final desta observação, a formulação que consigo alcançar é simples.

A forma não é uma substância.

A forma é o instante em que uma aproximação consegue permanecer.

E justamente porque permanece apenas por um instante, ela continua capaz de transformar-se.

Ata IV — O Quase e o Intervalo

O intervalo não separa as coisas.
O intervalo produz as coisas.

A forma parecia ter resolvido uma dificuldade.

Durante algum tempo acreditei que bastava compreendê-la para compreender também o modo como as coisas existem.

Uma aproximação encontra uma disponibilidade.

Dessa aproximação surge um contorno.

Chamamos esse contorno de forma.

A formulação possuía uma elegância que me agradava.

Mas foi justamente essa elegância que começou a despertar desconfiança.

Porque nenhuma forma permanece.

Tudo o que observei até aqui acabava por modificar-se.

A nuvem desfazia-se.

A palavra adquiria outro sentido.

O rosto tornava-se outro rosto.

Mesmo aquilo que parecia imóvel revelava, quando observado por tempo suficiente, uma lenta transformação.

A forma aparecia.

Mas também desaparecia.

Foi então que surgiu uma pergunta que eu havia evitado até aquele momento.

O que existe entre uma forma e outra?

A primeira resposta pareceu óbvia.

Nada.

Quando uma forma desaparece e outra ainda não surgiu, haveria apenas uma ausência.

Uma interrupção.

Um vazio.

Mas quanto mais eu tentava sustentar essa hipótese, menos ela me convencia.

Porque a própria transformação parecia desmenti-la.

Se realmente houvesse apenas um vazio entre as formas, como uma poderia dar lugar à outra?

Como algo novo conseguiria surgir?

A passagem exigia alguma coisa.

Mesmo que essa coisa não fosse imediatamente visível.

Comecei então a prestar atenção não apenas nas formas, mas nos momentos em que elas vacilavam.

Há um instante difícil de perceber.

Um instante em que a palavra ainda não encontrou sua formulação.

Em que a imagem ainda não encontrou seu contorno.

Em que uma decisão ainda não encontrou seu gesto.

Costumamos atravessar esses momentos rapidamente.

Queremos alcançar a forma.

Queremos alcançar a conclusão.

Queremos alcançar aquilo que pode ser reconhecido.

Mas talvez a produção das coisas aconteça antes.

Talvez aconteça justamente nesse terreno incerto.

Aos poucos comecei a suspeitar que o intervalo não era uma região vazia situada entre duas formas.

O intervalo era o próprio trabalho de transformação.

Não aquilo que separa.

Aquilo que produz.

A imagem que me veio não foi a de uma ponte.

Nem a de um corredor.

Foi a de uma germinação.

Quando observamos uma semente, não vemos a planta futura.

Quando observamos a planta, já não vemos a semente.

Entre ambas existe uma região invisível.

Mas invisível não significa inexistente.

É precisamente ali que a transformação acontece.

Talvez todo intervalo possua essa natureza.

Ele não interrompe o surgimento das coisas.

Ele as prepara.

Não afasta uma forma da outra.

Permite que uma se torne outra.

Essa hipótese alterou novamente tudo o que eu vinha pensando.

Porque percebi que havia concedido importância excessiva às formas.

Elas são visíveis.

O intervalo não.

Elas podem ser descritas.

O intervalo resiste à descrição.

Elas aparecem diante dos olhos.

O intervalo trabalha sob a superfície.

Mas talvez seja justamente por isso que ele seja tão decisivo.

As formas mostram o resultado.

O intervalo realiza a passagem.

Comecei então a desconfiar de uma antiga tendência do pensamento.

A tendência de valorizar apenas aquilo que pode ser identificado.

Aquilo que possui contorno.

Aquilo que pode receber um nome.

Talvez o essencial aconteça antes.

Talvez aquilo que existe receba sua fecundidade precisamente daquilo que ainda não se tornou forma.

O intervalo não é uma falha da existência.

O intervalo é uma de suas condições.

Nada amadurece sem atravessá-lo.

Nada se transforma sem habitá-lo.

Nada surge sem passar por essa região onde a forma ainda não está pronta e a forma anterior já começou a partir.

Foi então que compreendi que o intervalo não deve ser pensado como ausência.

Ausência é o nome que damos ao que não vemos.

Mas o intervalo trabalha.

Produz.

Transforma.

Prepara.

O intervalo não separa as coisas.

O intervalo produz as coisas.

Essa é a formulação que consigo alcançar.

E talvez ela exija uma consequência ainda mais radical.

Porque se o intervalo produz as formas, então nenhuma forma coincide plenamente consigo mesma.

Toda forma nasce de algo que permanece trabalhando dentro dela.

Toda forma conserva uma distância em relação a si.

Toda forma guarda um resto de intervalo.

Talvez seja essa distância que a impede de se encerrar.

Talvez seja essa distância que a mantém viva.

Ata V — O Quase e a Não Coincidência

Nada coincide plenamente consigo mesmo. E é justamente essa não coincidência que permite existir.

Durante muito tempo aprendi a pensar a identidade como uma coincidência.

Uma coisa seria aquilo que é.

Uma árvore coincidiria consigo mesma.

Uma pedra coincidiria consigo mesma.

Uma pessoa coincidiria consigo mesma.

A estabilidade do mundo parecia depender dessa hipótese.

Sem ela, tudo pareceria dissolver-se numa confusão interminável.

Mas as Atas anteriores começaram a produzir uma dificuldade inesperada.

A forma não apareceu como uma substância.

Apareceu como uma estabilização provisória da aproximação.

O intervalo não apareceu como ausência.

Apareceu como produção.

Se ambas as formulações forem verdadeiras, então algo precisa ser revisto.

Porque aquilo que existe não parece coincidir consigo mesmo da maneira que eu imaginava.

Passei a observar as coisas mais de perto.

Não para descobrir o que eram.

Mas para perceber como permaneciam.

Uma árvore continua sendo reconhecível ao longo dos anos.

No entanto, nada nela permanece exatamente igual.

As folhas mudam.

Os galhos crescem.

Partes desaparecem.

Outras surgem.

Mesmo assim continuamos chamando-a de árvore.

O mesmo acontece com um rosto.

O mesmo acontece com uma cidade.

O mesmo acontece com uma palavra.

Tudo permanece tornando-se outro.

Essa observação parecia simples.

Mas continha uma consequência difícil de aceitar.

Talvez a identidade não seja uma coincidência.

Talvez a identidade seja uma continuidade.

Não aquilo que permanece igual.

Mas aquilo que continua aproximando-se de si.

Essa hipótese começou a iluminar algo que até então permanecia obscuro.

Eu vinha pensando o intervalo como aquilo que produz as formas.

Mas agora percebia que ele não desaparece quando a forma surge.

Permanece dentro dela.

A forma carrega consigo a distância da qual nasceu.

Carrega consigo a transformação que continua acontecendo.

Nenhuma forma consegue fechar completamente essa distância.

Nenhuma forma consegue eliminar completamente o intervalo.

Talvez por isso nada coincida plenamente consigo mesmo.

A não coincidência não é uma falha.

Não é uma perda.

Não é um defeito da realidade.

É precisamente aquilo que permite que algo continue existindo.

Se uma coisa coincidisse absolutamente consigo mesma, o que ainda poderia acontecer com ela?

Nada.

Ela estaria concluída.

Encerrada.

Imóvel.

Mas tudo o que existe continua.

E continua porque não terminou de aproximar-se.

Essa ideia começou a modificar silenciosamente meu modo de olhar o mundo.

Passei a perceber que a permanência não se opõe à transformação.

A permanência é um modo da transformação.

Aquilo que permanece não permanece apesar da mudança.

Permanece por meio dela.

Uma chama continua sendo chama porque o fogo não para de consumir e renovar sua matéria.

Um rio continua sendo rio porque a água não para de passar.

Uma vida continua sendo vida porque nunca coincide inteiramente consigo mesma.

Talvez a antiga exigência de coincidência tenha surgido do desejo de segurança.

Coincidir consigo mesmo parece oferecer repouso.

Parece oferecer certeza.

Parece oferecer um fundamento.

Mas o mundo que encontro diante de mim não repousa.

Não se encerra.

Não se conclui.

O mundo continua.

E continua precisamente porque conserva uma distância em relação a si.

Foi então que compreendi algo que, de certa forma, estava presente desde o início.

A aproximação não é o caminho em direção a uma coincidência futura.

A aproximação não busca uma fusão final.

A aproximação é o próprio modo de existir daquilo que nunca coincide plenamente consigo mesmo.

O Quase não é um estado provisório situado antes da realização.

O Quase é a estrutura da existência.

Tudo o que existe existe em regime de aproximação.

Tudo o que existe permanece em regime de não coincidência.

Essa formulação não elimina a identidade.

Mas a transforma.

A identidade deixa de ser uma posse.

Torna-se um movimento.

Deixa de ser um ponto de chegada.

Torna-se uma continuidade.

Deixa de ser uma coincidência.

Torna-se uma aproximação.

Ao final desta observação, a formulação que consigo alcançar é esta:

Nada coincide plenamente consigo mesmo.

E é justamente essa não coincidência que permite existir.

Porque existir não é alcançar a si.

Existir é continuar aproximando-se.

Ata VI — O Quase e a Transformação

O ser não se transforma porque existe.
O ser existe transformando-se.

Depois de compreender que nada coincide plenamente consigo mesmo, passei algum tempo acreditando que havia alcançado o centro da questão.

Parecia uma formulação suficientemente ampla.

Tudo o que existe conserva uma distância em relação a si.

Tudo o que existe continua aproximando-se.

Mas uma nova dificuldade começou a surgir.

Se essa distância permanece ativa, o que exatamente ela produz?

Não bastava dizer que produz movimento.

Nem bastava dizer que produz continuidade.

Era preciso observar com mais atenção aquilo que acontece dentro da própria existência das coisas.

Porque algo nelas não apenas continua.

Algo nelas muda.

Uma criança torna-se adulta.

Uma língua altera suas palavras.

Uma paisagem modifica seus contornos.

Uma lembrança transforma sua própria textura.

O mundo não apenas persiste.

O mundo transforma-se.

Durante muito tempo imaginei a transformação como um acontecimento secundário.

Primeiro haveria uma identidade.

Depois ocorreriam mudanças.

Primeiro algo seria.

Depois se transformaria.

Mas quanto mais observava, mais essa ordem me parecia artificial.

Nunca encontrei uma identidade antes da transformação.

Encontrei apenas transformações suficientemente lentas para serem reconhecidas como identidades.

Essa observação deslocou novamente o problema.

Talvez a transformação não aconteça às coisas.

Talvez as coisas aconteçam como transformação.

A hipótese parecia excessiva.

Mesmo assim continuei acompanhando-a.

Uma árvore não se transforma porque existe.

A árvore existe transformando-se.

Um rio não muda apesar de ser rio.

O rio é rio porque muda.

Até mesmo aquilo que chamamos de permanência parece depender dessa dinâmica.

Nada permanece fora da transformação.

Tudo permanece através dela.

Foi então que percebi uma consequência da não coincidência que ainda não havia sido inteiramente pensada.

Se nenhuma coisa coincide consigo mesma, então toda coisa contém uma abertura.

Uma distância.

Uma margem.

E é precisamente nessa margem que a transformação opera.

Não como uma força externa.

Mas como um trabalho interno da própria existência.

A imagem que me ocorreu foi a de uma respiração.

Não porque a transformação seja semelhante ao ar.

Mas porque a respiração nunca termina de acontecer.

Cada inspiração altera o corpo que irá expirar.

Cada expiração altera o corpo que voltará a inspirar.

O mesmo ser permanece.

Mas não permanece idêntico.

Permanece transformando-se.

Talvez toda existência possua esse ritmo.

Não uma estabilidade interrompida por mudanças ocasionais.

Mas uma continuidade produzida por transformações incessantes.

Quanto mais avançava nessa direção, mais me parecia que a transformação havia sido injustamente compreendida.

Costumamos associá-la à perda.

À ruptura.

Ao desaparecimento.

Pensamos naquilo que deixa de ser.

Mas talvez a transformação mereça ser observada por outro ângulo.

Porque ela também é aquilo que permite continuar.

Sem transformação não haveria crescimento.

Sem transformação não haveria aprendizado.

Sem transformação não haveria passagem.

Sem transformação não haveria futuro.

Tudo permaneceria preso a uma forma única.

Tudo permaneceria encerrado em si.

A transformação não destrói necessariamente uma identidade.

Ela impede que a identidade se feche.

Ela conserva aberta a aproximação.

Foi nesse ponto que comecei a enxergar uma relação mais profunda entre a transformação e o Quase.

O Quase não é apenas aquilo que ainda não chegou.

O Quase é aquilo que impede que a chegada seja definitiva.

Mesmo quando uma forma aparece, a transformação continua trabalhando.

Mesmo quando uma identidade se estabelece, a transformação continua abrindo caminhos.

Mesmo quando algo parece concluído, a transformação preserva uma possibilidade ainda não realizada.

Talvez por isso o mundo não se esgote.

Talvez por isso as coisas continuem produzindo novas formas.

Talvez por isso a existência não se reduza a repetir o que já aconteceu.

Existe sempre alguma coisa em trânsito.

Alguma coisa em elaboração.

Alguma coisa aproximando-se de uma forma que ainda não possui.

Foi então que compreendi que a transformação não deve ser pensada como um episódio da existência.

Ela é uma de suas condições permanentes.

O ser não se transforma porque existe.

O ser existe transformando-se.

Essa é a formulação que consigo alcançar.

A transformação não acontece ao ser.

A transformação é o modo pelo qual o ser continua aproximando-se de si.

E justamente porque essa aproximação nunca se encerra, o mundo permanece capaz de tornar-se outro.

Ata VII — O Quase e o Retorno

O retorno não é a volta do mesmo.
O retorno é a reaparição transformada
de uma aproximação.

Depois de acompanhar a transformação, imaginei que a questão da permanência estivesse resolvida.

Nada coincide consigo mesmo.

Nada permanece imóvel.

Tudo continua transformando-se.

A formulação parecia suficientemente clara.

Mas uma observação começou a introduzir uma nova dificuldade.

Se tudo se transforma, por que reconhecemos retornos?

A pergunta surgiu de maneira discreta.

Primeiro numa paisagem.

Depois numa lembrança.

Depois numa frase que parecia reaparecer anos depois de ter sido esquecida.

Algo voltava.

Ou pelo menos parecia voltar.

As estações retornavam.

Os dias retornavam.

Certas alegrias retornavam.

Certas inquietações também.

À primeira vista, a explicação parecia simples.

As coisas retornariam porque se repetem.

Mas essa resposta não me satisfazia.

Porque aquilo que retorna nunca é exatamente o mesmo.

O verão que chega não é o verão anterior.

A palavra que reaparece não possui o mesmo sentido.

A lembrança que retorna já foi transformada pelo tempo.

Mesmo aquilo que reconheço como semelhante revela diferenças quando observado mais de perto.

O retorno existia.

Mas a repetição perfeita não.

Foi então que comecei a desconfiar que eu estivesse confundindo duas coisas.

Repetir não é retornar.

A repetição procura reproduzir o mesmo.

O retorno produz uma nova aproximação.

A diferença parece pequena.

Mas altera tudo.

Quando uma pergunta retorna à minha vida, ela não retorna ao mesmo lugar.

Sou outro.

O mundo é outro.

A própria pergunta tornou-se outra.

Ainda assim existe algo que reconheço.

Não uma identidade.

Uma continuidade.

Talvez o retorno seja precisamente isso.

Não a volta do mesmo.

Mas a persistência de uma aproximação.

Essa hipótese começou a iluminar muitos fenômenos que antes pareciam dispersos.

Uma melodia reaparece anos depois.

Um gesto reaparece numa geração diferente.

Uma imagem atravessa séculos.

Uma narrativa continua encontrando novas formas de ser contada.

Nada disso permanece intacto.

Nada disso atravessa o tempo sem transformação.

Mas algo continua.

Algo insiste.

Algo procura novamente uma forma.

Foi nesse momento que compreendi que a transformação e o retorno não são contrários.

São movimentos complementares.

A transformação impede a repetição do mesmo.

O retorno impede a dispersão absoluta.

Sem transformação, tudo se tornaria imóvel.

Sem retorno, tudo se tornaria irreconhecível.

O mundo continua porque ambas as forças trabalham juntas.

Aquilo que retorna nunca regressa ao ponto de partida.

Retorna já transformado.

Retorna carregando os intervalos que atravessou.

Retorna trazendo consigo novas possibilidades.

A imagem que me ocorreu foi a de uma espiral.

À distância, ela parece um círculo.

Mas quando observada de perto revela outra coisa.

Cada volta aproxima-se da anterior sem coincidir com ela.

Cada passagem retoma um percurso conhecido sem reproduzi-lo.

Cada retorno acontece numa nova altura.

Talvez a existência possua esse mesmo desenho.

Não um círculo fechado.

Não uma linha reta.

Uma espiral.

Voltamos às mesmas questões.

Voltamos às mesmas imagens.

Voltamos aos mesmos afetos.

Mas nunca voltamos como éramos.

O retorno não anula a transformação.

O retorno torna visível a transformação.

Foi então que comecei a perceber uma relação mais profunda entre o retorno e o Quase.

Porque aquilo que retorna não procura uma origem perdida.

Também não procura uma conclusão definitiva.

Aquilo que retorna procura novamente uma proximidade.

Procura novamente uma forma.

Procura novamente uma possibilidade de aparecer.

O retorno não é nostalgia.

Não é restauração.

Não é regressão.

O retorno é uma nova tentativa da aproximação.

Talvez por isso algumas experiências nunca se encerrem completamente.

Elas continuam retornando porque ainda possuem algo a dizer.

Continuam retornando porque ainda possuem algo a tornar visível.

Continuam retornando porque a aproximação que as habita ainda não terminou seu trabalho.

Ao final desta observação, a formulação que consigo alcançar é esta:

O retorno não é a volta do mesmo.

O retorno é a reaparição transformada de uma aproximação.

E justamente porque nada coincide plenamente consigo mesmo, toda volta se torna também um novo começo.

Ata VIII — O Quase e o Nada

O nada não destrói.
O nada reabre.

Durante muito tempo a palavra nada me pareceu simples.

Ela nomeava aquilo que não existe.

Aquilo que desapareceu.

Aquilo que deixou de ser.

Talvez por isso eu a utilizasse sem prestar muita atenção ao que dizia.

Mas as Atas anteriores começaram a tornar essa simplicidade difícil de sustentar.

A forma não era definitiva.

O intervalo produzia.

A transformação continuava.

O retorno reaparecia sob novas figuras.

Tudo parecia participar de um mesmo movimento de aproximação.

Ainda assim havia uma experiência que permanecia sem resposta.

As coisas terminam.

Uma conversa termina.

Uma estação termina.

Uma vida termina.

Uma forma desaparece.

E quando isso acontece, somos tentados a dizer que resta o nada.

A palavra surge quase automaticamente.

Como se encerrasse a questão.

Mas comecei a desconfiar dessa rapidez.

Porque aquilo que chamamos de nada nunca se apresentava diante de mim.

O que eu encontrava era sempre outra coisa.

O silêncio depois da música.

O espaço depois da partida.

A terra depois da queda da folha.

A noite depois do dia.

O nada parecia estar sendo nomeado.

Mas nunca era encontrado.

Foi então que uma suspeita começou a surgir.

Talvez o nada não seja uma coisa.

Talvez o nada não seja um lugar.

Talvez o nada não seja sequer uma ausência.

Continuei observando.

Quando uma palavra termina, algo permanece disponível para outra palavra.

Quando uma estação termina, algo permanece disponível para outra estação.

Quando uma forma desaparece, algo permanece disponível para outra forma.

O desaparecimento não produz apenas perda.
Produz abertura.

Essa observação não eliminava a experiência do fim.

Mas alterava seu significado.

O fim deixava de ser um muro.

Tornava-se uma passagem.

Não uma passagem visível.

Nem uma passagem garantida.

Mas uma passagem.

A imagem que me ocorreu foi a de um campo depois da colheita.

À primeira vista parece vazio.

Aquilo que antes ocupava o espaço já não está ali.

Mas o campo não se tornou inexistente.

Permanece disponível.

Permanece capaz de receber.

Permanece capaz de começar novamente.

Talvez o nada possua uma natureza semelhante.

Não a de uma destruição absoluta.

Mas a de uma disponibilidade radical.

Uma disponibilidade tão profunda que já não conserva as formas anteriores.

Durante algum tempo resisti a essa hipótese.

Parecia estranho aproximar o nada de uma abertura.

Estamos acostumados a pensar o nada como encerramento.

Como interrupção.

Como fracasso.

Mas quanto mais observava, mais percebia que o encerramento absoluto nunca aparecia.

Mesmo o desaparecimento deixava algo.

Não uma coisa.

Não uma substância.

Uma possibilidade.

Foi então que compreendi que talvez eu estivesse formulando mal a questão.

A pergunta não deveria ser:

O que existe depois do fim?

A pergunta deveria ser:

O que o fim torna possível?

Essa pequena mudança deslocou inteiramente o problema.

Porque o nada deixou de aparecer como rival da existência.

Passou a aparecer como uma de suas condições.

Nada se transforma sem perder uma forma anterior.

Nada recomeça sem atravessar um término.

Nada se abre sem deixar algo para trás.

O nada não se opõe ao movimento da aproximação.

Participa dele.

Talvez de um modo silencioso.

Talvez de um modo difícil de perceber.

Mas participa.

Comecei então a enxergar uma relação inesperada entre o intervalo e o nada.

O intervalo produz a passagem entre formas.

O nada produz a abertura de um novo campo de aproximações.

O intervalo trabalha dentro do movimento.

O nada reabre o próprio movimento.

Não são a mesma coisa.

Mas pertencem à mesma família de experiências.

Ambos impedem que a existência se encerre numa forma definitiva.

Ambos recusam a conclusão absoluta.

Ambos preservam uma fecundidade invisível.

Foi nesse ponto que uma formulação começou a tornar-se possível.

O nada não destrói.

Destruir seria encerrar.

E aquilo que observei até aqui nunca se encerra completamente.

O nada não destrói.

O nada reabre.

Reabre quando uma forma já não pode continuar.

Reabre quando um percurso alcançou seu limite.

Reabre quando uma aproximação esgotou suas possibilidades.

O nada não é o contrário do ser.

É aquilo que devolve o ser à possibilidade de aproximar-se novamente.

Ao final desta observação, a formulação que consigo alcançar é esta:

O nada não destrói.

O nada reabre.

E justamente porque reabre, nenhum fim consegue possuir a última palavra.

Ata IX — O Quase e o Passe

O passe é a travessia de um limite que reabre a aproximação.

Depois de compreender que o nada não destrói, permaneci algum tempo diante de uma dificuldade.

A formulação parecia convincente.

O nada não encerrava.

O nada reabria.

Mas a própria ideia de reabertura exigia uma explicação.

Porque reabrir não significa simplesmente continuar.

Há momentos em que a continuidade não basta.

Há momentos em que uma existência encontra um limite.

Uma forma já não responde.

Uma linguagem já não alcança aquilo que procura dizer.

Um caminho já não conduz adiante.

Algo precisa acontecer.

Mas esse acontecimento não pode ser reduzido a uma simples transformação.

A transformação opera dentro de um percurso.

O que eu procurava compreender agora parecia diferente.

Tratava-se do instante em que um percurso se torna outro.

Durante muito tempo pensei esse instante como uma ruptura.

Uma quebra.

Uma substituição.

Mas quanto mais observava, menos essas imagens me satisfaziam.

Porque aquilo que emerge depois do limite nunca surge do nada.

Há uma continuidade.

Há uma herança.

Há uma passagem.

Foi então que comecei a pensar no passe.

A palavra me interessava porque conservava algo do movimento sem reduzir-se ao deslocamento.

Passar não é apenas mover-se.

Passar é atravessar.

E toda travessia modifica aquilo que atravessa e aquilo que é atravessado.

A imagem que me ocorreu foi a de uma porta.

Mas não uma porta comum.

Uma porta que só se torna visível depois que foi atravessada.

Enquanto estamos diante dela, vemos apenas o impasse.

O bloqueio.

O limite.

Somente depois percebemos que ali existia uma passagem.

Talvez toda experiência importante possua algo dessa natureza.

Primeiro encontramos um limite.

Depois descobrimos que o limite era também uma abertura.

Não porque o limite fosse ilusório.

Mas porque continha uma possibilidade que ainda não havia aparecido.

Comecei então a observar quantas vezes isso acontece.

Uma pergunta permanece sem resposta durante anos.

Subitamente encontra uma formulação.

Uma vida parece presa a uma repetição.

Subitamente encontra outra direção.

Uma ideia parece concluída.

Subitamente revela um aspecto que ninguém havia percebido.

Em todos esses casos existe uma travessia.

Existe um passe.

Mas esse passe não consiste em abandonar o que veio antes.

Consiste em atravessá-lo.

Aquilo que passa leva consigo algo do percurso anterior.

Leva suas marcas.

Leva suas dificuldades.

Leva suas descobertas.

Por isso o passe não apaga.

O passe transforma a relação com aquilo que foi vivido.

Foi nesse ponto que comecei a perceber uma afinidade profunda entre o passe e o Quase.

Porque o Quase sempre se apresentou como aproximação.

Nunca como posse.

Nunca como conclusão.

O passe preserva exatamente essa característica.

Ele não entrega um estado final.

Não conduz a uma identidade definitiva.

Conduz a uma nova possibilidade de aproximação.

Cada travessia abre um campo que antes não existia.

Mas esse novo campo também permanecerá inacabado.

Também produzirá formas.

Também produzirá intervalos.

Também encontrará seus próprios limites.

Talvez por isso nenhuma travessia seja absoluta.

Passamos.

E continuamos passando.

A existência parece constituída por uma sucessão de passagens que jamais alcançam um ponto final.

Quanto mais refletia sobre isso, mais me parecia que o passe não era um acontecimento excepcional.

Era um dos ritmos fundamentais da existência.

O nascimento é um passe.

O aprendizado é um passe.

O amor é um passe.

A perda também.

Pensamos frequentemente nesses momentos como fatos distintos.

Mas talvez todos participem da mesma estrutura.

Em cada caso uma forma torna-se insuficiente.

Em cada caso uma abertura se anuncia.

Em cada caso algo atravessa um limite e encontra uma nova região de aproximação.

Foi então que a formulação começou a tornar-se clara.

O passe não é a passagem de uma identidade para outra.

O passe é a travessia pela qual uma aproximação encontra uma nova possibilidade de continuar.

Ele não elimina o percurso anterior.

Não o nega.

Não o destrói.

Ele o transporta.

E ao transportá-lo, transforma-o.

Ao final desta observação, a formulação que consigo alcançar é esta:

O passe é a travessia de um limite que reabre a aproximação.

E justamente porque reabre, toda passagem prepara silenciosamente um novo começo.

Ata X — O Quase e o (re)Início

O (re)Início não retorna à origem.
O (re)Início produz uma nova proximidade.

Ao chegar até aqui, percebi que uma palavra retornava silenciosamente desde o começo.

Início.

Ela estava presente na primeira pergunta.

Estava presente em cada descoberta.

Estava presente em toda forma que surgia.

E, no entanto, eu ainda não havia pensado nela diretamente.

Talvez porque o início pareça simples.

Algo começa.

E isso basta.

Mas as Atas anteriores tornaram essa simplicidade difícil de sustentar.

Porque nada do que observei parecia começar de maneira absoluta.

Toda forma nascia de um intervalo.

Toda transformação nascia de uma forma anterior.

Todo retorno retomava algo já vivido.

Todo passe atravessava um percurso que o precedia.

Quanto mais observava, mais o começo se afastava da ideia de origem.

Não encontrava pontos absolutos de partida.

Encontrava reaberturas.

Encontrava retomadas.

Encontrava novas aproximações.

Foi então que comecei a desconfiar que o início não fosse aquilo que eu imaginava.

Talvez iniciar não signifique surgir do nada.

Talvez iniciar signifique reorganizar uma possibilidade.

A imagem que me ocorreu foi a da manhã.

Costumamos dizer que o dia começa.

Mas nenhum amanhecer nasce de um vazio.

Ele retoma a noite.

Retoma a luz anterior.

Retoma o movimento da Terra.

Ainda assim existe um começo.

Um começo real.

Algo efetivamente se inaugura.

Essa combinação me intrigava.

Porque mostrava que um início pode ser novo sem ser absoluto.

Pode inaugurar sem romper totalmente com aquilo que o precede.

Pode abrir um campo sem apagar sua história.

Talvez toda existência possua essa estrutura.

Quando uma criança aprende uma palavra, algo começa.

Quando uma ideia encontra sua formulação, algo começa.

Quando uma vida muda de direção, algo começa.

Mas em nenhum desses casos existe criação a partir do vazio.

Existe uma reorganização.

Uma rearticulação.

Uma nova proximidade.

Foi então que compreendi por que a noção de retorno precisava ser distinguida da noção de repetição.

Aquilo que recomeça não repete.

Aquilo que recomeça transforma.

O recomeço conserva algo do percurso anterior.

Mas não para restaurá-lo.

Conserva-o para produzir outra possibilidade.

Por isso o recomeço não retorna à origem.

A origem pertence ao passado.

O recomeço pertence à abertura.

Essa observação começou a iluminar toda a cadeia que havia se formado ao longo das Atas.

Uma aproximação produz uma forma.

A forma atravessa intervalos.

Os intervalos produzem transformações.

As transformações geram retornos.

Os retornos encontram limites.

Os limites são reabertos pelo nada.

A reabertura torna-se passe.

E o passe prepara um novo início.

Mas esse novo início não se situa fora do percurso.

Ele nasce dele.

É o próprio percurso reorganizando suas possibilidades.

Quanto mais pensava nisso, mais me parecia que o recomeço era uma das figuras mais discretas da existência.

Ele raramente anuncia sua chegada.

Costumamos reconhecê-lo apenas depois.

O instante em que uma nova aproximação começou quase nunca é evidente.

Enquanto acontece, parece apenas uma pequena mudança.

Uma frase.

Um encontro.

Uma decisão.

Uma atenção diferente.

Somente mais tarde percebemos que ali alguma coisa havia começado.

Talvez isso aconteça porque o recomeço não possui a grandiosidade das origens imaginárias.

Ele trabalha de forma silenciosa.

Não funda um mundo do nada.

Reabre um mundo que parecia concluído.

Foi então que uma última consequência começou a aparecer.

Se todo início é um recomeço, então a existência não deve ser pensada como uma linha que parte de uma origem e caminha para um término.

Tampouco como um círculo que retorna eternamente ao mesmo ponto.

A existência parece mais próxima de uma sucessão de aproximações que se reabrem continuamente.

Cada forma prepara outra forma.

Cada fim prepara outra abertura.

Cada travessia prepara outra travessia.

Nada se encerra definitivamente.

Mas nada retorna intacto.

O que existe continua.

Continua transformando-se.

Continua aproximando-se.

Continua recomeçando.

Ao final desta observação, a formulação que consigo alcançar é esta:

O (re)Início não retorna à origem.

O (re)Início produz uma nova proximidade.

E justamente porque produz uma nova proximidade, nenhum começo é o primeiro e nenhum fim é o último.

Epílogo — O Mundo Continua

O ser não é aquilo que é.
O ser é aquilo que se aproxima de si.

Quando comecei estas observações, imaginava estar procurando uma ideia.

Talvez uma definição.

Talvez uma formulação capaz de explicar aquilo que me inquietava.

Hoje não tenho certeza de ter encontrado uma explicação.

Mas encontrei uma companhia.

Uma maneira de acompanhar o movimento das coisas.

Durante muito tempo procurei aquilo que permanece.

Aquilo que resiste.

Aquilo que coincide consigo mesmo.

A procura parecia razoável.

Grande parte do pensamento foi construída em torno dessa esperança.

Encontrar o que não muda.

Encontrar o fundamento.

Encontrar a verdade definitiva.

Mas o caminho percorrido por estas Atas conduziu a outro lugar.

Não encontrei uma coincidência.

Encontrei aproximações.

Não encontrei um repouso.

Encontrei movimentos.

Não encontrei uma conclusão.

Encontrei passagens.

A princípio isso poderia parecer uma perda.

Talvez até uma renúncia.

Mas aos poucos comecei a perceber que havia outra possibilidade de leitura.

Porque aquilo que não coincide consigo mesmo continua.

Aquilo que permanece aberto continua.

Aquilo que conserva uma distância em relação a si continua produzindo formas, intervalos, retornos e recomeços.

Talvez a fecundidade do mundo venha precisamente daí.

Não de uma perfeição concluída.

Mas de uma aproximação incessante.

Passei então a observar as coisas mais simples.

Uma árvore movendo-se ao vento.

Uma criança aprendendo uma palavra.

Uma conversa interrompida e retomada anos depois.

Uma cidade transformando lentamente sua paisagem.

Nada disso parecia imóvel.

Nada disso parecia concluído.

Mas também nada disso parecia fracassado por não alcançar uma conclusão definitiva.

Pelo contrário.

Era justamente a ausência de encerramento que permitia continuar.

Foi então que compreendi que talvez o Quase nunca tenha sido um conceito.

Talvez tenha sido, desde o início, um nome.

Um nome para essa estranha condição das coisas.

A condição de nunca coincidirem plenamente consigo mesmas.

A condição de nunca se encerrarem completamente.

A condição de continuarem.

Ao olhar retrospectivamente para o caminho percorrido, percebo que a roda e o espelho permanecem aqui.

A roda continua girando.

O espelho continua disponível.

A aproximação continua procurando formas.

As formas continuam atravessando intervalos.

Os intervalos continuam produzindo transformações.

As transformações continuam retornando sob novas figuras.

Os retornos continuam encontrando limites.

Os limites continuam sendo reabertos.

E os recomeços continuam surgindo onde antes parecia haver apenas um fim.

Nada disso ocorre fora do mundo.

Nada disso exige uma realidade oculta.

Acontece aqui.

No interior das coisas mais comuns.

Talvez por isso esta investigação nunca tenha procurado um outro mundo.

Ela procurou aprender a olhar este.

Aprender a perceber aquilo que normalmente passa despercebido.

O instante em que uma forma começa.

O instante em que uma forma termina.

O trabalho silencioso do intervalo.

A insistência discreta do retorno.

A abertura produzida pelo nada.

A travessia de um passe.

O surgimento de um recomeço.

Tudo isso acontece continuamente.

Tudo isso continua acontecendo enquanto escrevo estas últimas linhas.

E continuará acontecendo quando elas terminarem.

Essa percepção modifica também o sentido do próprio livro.

Porque um livro costuma desejar seu término.

Procura alcançar sua última página.

Procura concluir aquilo que começou.

Mas talvez este percurso exija outra compreensão.

Talvez estas páginas não encerrem uma investigação.

Talvez apenas registrem uma de suas passagens.

Outras aproximações serão possíveis.

Outras formas aparecerão.

Outras perguntas surgirão.

O que foi escrito aqui continuará seu trabalho fora destas páginas.

Como toda forma, este livro também pertence ao movimento que procurou descrever.

Também ele é uma aproximação.

Também ele permanece inacabado.

Ao final desta caminhada, a única formulação que ainda consigo sustentar é simples.

O ser não é aquilo que é.

O ser é aquilo que se aproxima de si.

E justamente porque nunca coincide plenamente consigo mesmo, o mundo continua.

"Toda formulação deixa atrás de si um campo."

Parte 2 — Caderno dos Recomeços

Poemas da Aproximação.

A Curvatura

Há algo que não chega.
Não porque esteja distante.

Mas porque continua vindo.

Vejo isso no pássaro que atravessa a tarde.

Na sombra que muda de lugar sobre o muro.

Na água que toca a margem
e já prepara outro toque.

Nada repousa exatamente onde está.

Tudo se inclina.

Tudo descreve uma pequena curva
em direção a si mesmo.

Durante muito tempo procurei o instante da chegada.

Agora observo outra coisa.

O modo como as coisas continuam.

O modo como persistem

sem jamais encerrar completamente
o movimento que as trouxe.

Talvez existir seja isso.

Não alcançar.

Mas aproximar-se.

Como a roda que toca o chão
apenas para tornar possível
o próximo toque.

Como a luz da manhã
que nunca termina de nascer.

Como o nome de uma coisa
que permanece vindo
mesmo depois de pronunciado.

Há algo que não chega.

E é justamente por isso
que continua.

Aquilo que se Inclina

Antes do vento,
a erva já sabia.

Antes da chuva,

a terra já escurecia um pouco.

Antes da palavra,

a boca ensaiava um movimento
que ninguém percebia.

Passei anos observando
as coisas que chegam.

Agora observo
as coisas que se inclinam.

Há uma delicadeza nisso.

Nada acontece de repente.

O horizonte prepara a manhã.

A semente prepara a árvore.

O silêncio prepara a música.

Tudo começa
com uma leve inclinação.

Uma discreta renúncia
à imobilidade.

Talvez o mundo não avance.

Talvez apenas se incline.

E seja essa inclinação
que chamamos de destino.

Distância Mínima

Entre a onda e a areia

há apenas um instante.

Entre o nome e aquilo que ele procura,

há apenas uma respiração.

Entre mim
e aquilo que procuro ser,

há uma distância tão pequena
que às vezes a confundo
com presença.

Mas a proximidade não elimina a distância.

Aproxima-a.

Torna-a visível.

Há noites em que quase compreendo.

Há tardes em que quase retorno.

Há palavras que quase dizem.

E talvez esse quase
não seja uma falha.

Talvez seja a forma mais fiel
da proximidade.

Porque aquilo que coincide
já terminou.

Mas aquilo que permanece próximo

continua.

Antes do Toque

Existe um instante

antes.

Antes do encontro.

Antes da forma.

Antes do reconhecimento.

Um instante tão breve
que quase não possui duração.

A roda aproxima-se do chão.

A luz aproxima-se da janela.

A chuva aproxima-se da folha.

E durante uma fração invisível
de tempo,

o mundo inteiro parece suspenso.

Nada aconteceu ainda.

Mas tudo já começou.

Gosto desse instante.

Não por aquilo que promete.

Mas por aquilo que contém.

Uma possibilidade.

Uma abertura.

Uma passagem.

Talvez o ser habite aí.

Não no toque.

Mas na aproximação do toque.

Não na chegada.

Mas no movimento que a prepara.

Porque toda coisa que alcança

logo passa.

Mas aquilo que se aproxima

continua vindo.

Espelho sem Rosto

A casa permanecia aberta.

Não para alguém.

Não para uma visita.

Aberta apenas.

A manhã atravessava as janelas.

O vento atravessava os corredores.

A luz repousava sobre os móveis
como quem não pede licença.

Nada acontecia.

E, ainda assim,
tudo parecia preparado.

Foi então que compreendi:

há lugares que não esperam por algo.

Esperam por poder receber.

Talvez a disponibilidade seja isso.

Uma forma de permanecer vazia
sem deixar de estar plena.

Sala Vazia

Durante muito tempo
confundi vazio com ausência.

Mas uma sala vazia
não está ausente.

Ela continua oferecendo espaço.

As paredes permanecem.

A luz permanece.

O ar permanece.

Apenas aquilo que a ocupava
já não está.

E é justamente por isso
que outra coisa poderá chegar.

Há uma generosidade silenciosa
nos lugares que não se apressam
em preencher-se.

Como se soubessem
que a forma futura
precisa primeiro de espaço.

A Janela Aberta

Nem toda abertura conduz para fora.

Algumas conduzem para dentro.

Abri a janela
para observar a tarde.

Mas foi a tarde
que entrou.

Entrou pela luz.

Entrou pelo cheiro da terra.

Entrou pelo rumor distante
das árvores.

Permanecei algum tempo
sem fazer nada.

Apenas recebendo.

Apenas permitindo.

E descobri que certas coisas
não precisam ser procuradas.

Precisam apenas encontrar
uma abertura.

O Lugar que Espera

Existe um lugar
que não possui endereço.

Não aparece nos mapas.

Não pode ser medido.

Ele surge sempre que algo
permanece disponível.

Um campo antes da chuva.

Uma página antes da escrita.

Uma respiração antes da palavra.

Ali nada foi decidido.

Nada foi concluído.

Nada foi fixado.

Mas tudo se tornou possível.

Talvez o mundo comece muitas vezes
nesse lugar discreto.

Nesse espaço que não produz formas.

Produz acolhimento.

Nesse lugar que não chama.

Mas recebe.

A Nuvem Aprende um Contorno

A nuvem não procurava ser pássaro.

Nem montanha.

Nem rosto.

Apenas atravessava o céu.

Mas por um instante

o vento reuniu suas margens,

a luz aproximou suas curvas,

e algo apareceu.

Não durou.

Talvez as formas mais belas
sejam assim.

Não as que permanecem.

As que conseguem surgir.

Figura Transitória

Na poça depois da chuva

o céu encontrou um lugar
para repetir-se.

Durante alguns minutos

as árvores cresceram para baixo.

As nuvens habitaram a terra.

E o mundo pareceu duplo.

Depois veio o vento.

A superfície se moveu.

A figura desapareceu.

Mas não houve perda.

A água continuou sendo água.

O céu continuou sendo céu.

Apenas a forma
prosseguiu viagem.

Breve Estabilidade

Entre a queda da folha

e o toque no chão,
houve um instante.
Um único instante.
A folha não caía.
Também não repousava.
Habitava um equilíbrio improvável.
Como uma palavra
antes de concluir seu sentido.
Como uma lembrança
antes de encontrar seu nome.
Talvez toda forma seja isso:
uma breve estabilidade
no interior de uma travessia.

Aquilo que Permanece por Um Instante

Nem a pedra permanece.
Nem a montanha.
Nem a estrela.
A duração apenas nos engana
com sua lentidão.
Tudo muda.
Tudo se desloca.
Tudo continua atravessando
alguma distância invisível.
Mas às vezes
o movimento encontra uma pausa.
Uma pequena reunião de si.
Um contorno.
Uma presença.
Chamamos isso de forma.
Não porque permaneça.
Mas porque, por um instante,
consegue aparecer.

Germinação

Ninguém observa a semente
durante a noite.

Os olhos procuram a flor.

O fruto.

A sombra da árvore.

Mas sob a terra

há um trabalho silencioso.

Uma lenta negociação
entre escuridão e impulso.

Nada floresceu ainda.

E, no entanto,

tudo já começou.

Entre Duas Ondas

A primeira onda recolheu-se.

A segunda ainda não chegou.

Durante um instante

o mar pareceu suspenso.

Nem avanço.

Nem retorno.

Apenas uma respiração.

Foi ali que compreendi:

o oceano não vive apenas
nas suas cristas.

Existe também

no espaço que as prepara.

O Trabalho Invisível

Há algo que o tempo faz

sem testemunhas.

A madeira amadurece.

A fruta adoça.

A pedra aprende a chuva.

Nenhuma dessas tarefas
produz ruído.

O mundo realiza grande parte
de sua obra

longe dos aplausos da forma.

Talvez o intervalo seja isso:

o nome discreto
do que continua acontecendo.

Lugar de Passagem

Entre o que fui

e o que serei,

há uma ponte.

Não a vejo.

Não consigo descrevê-la.

Mas atravesso-a todos os dias.

Às vezes chamam esse lugar
de dúvida.

Outras vezes,
de silêncio.

Outras ainda,
de espera.

Eu prefiro outro nome.

Chamo-o intervalo.

Porque nele nada termina.

E nada começa sozinho.

A Distância das Árvores

A árvore que vejo hoje

não é a mesma
que atravessou o verão.

Mudaram as folhas.

Mudou a casca.

Mudou a direção da sombra.

E, no entanto,

quando passo por ela,

ainda a reconheço.

Há algo comovente nisso.

Continuar sendo

sem permanecer igual.

Retrato em Movimento

Olho uma fotografia antiga.

O rosto é meu.

Mas não inteiramente.

Reconheço os olhos.

Reconheço um gesto.

Reconheço uma hesitação.

E ainda assim,

há alguém ali
que já começou a partir.

Talvez toda lembrança
guarde essa estranheza:

aproximar-nos de nós mesmos

sem jamais alcançar-nos.

O Nome e a Coisa

Durante anos

usei o mesmo nome.

Mas a cada estação

ele parecia repousar
sobre uma pessoa diferente.

As palavras permanecem.

Os corpos mudam.

Os dias passam através deles
como água através das pedras.

Talvez o nome não exista
para fixar.

Talvez exista

para acompanhar.

Quase Eu

Há manhãs

em que acordo muito próximo
de quem sou.

Outras vezes,

a distância aumenta.

Não o bastante para perder-me.

Nem tão pouco
que eu possa alcançar-me.

Então caminho.

Trabalho.

Converso.

Escrevo.

E percebo que viver
talvez seja isto:

seguir ao lado de si mesmo,

como quem acompanha um viajante

por uma estrada sem fim.

A Água Aprende o Rio

Nenhuma gota conhece

o desenho inteiro do percurso.

Ainda assim,

a água continua.

Contorna pedras.

Atravessa raízes.

Recebe afluentes.

Perde margens.

E pouco a pouco

torna-se outra.

Não porque abandonou
o que era.

Mas porque continuou.

Muda

Durante semanas
o galho pareceu imóvel.
Nenhuma folha nova.
Nenhuma flor.
Nenhum sinal.
Quem passasse por ali
diria que nada acontecia.
Mas dentro da madeira
a primavera ensaiava seus gestos.
Quando o primeiro broto surgiu,
não começou.
Apenas tornou visível
o que já estava em curso.

A Pele do Tempo

Há mudanças
que chegam como tempestades.
Outras,
como luz.
Tão lentamente
que quase não as percebemos.
Um dia,
o espelho devolve outro rosto.
A casa contém outras memórias.
A voz encontra outra gravidade.
E compreendemos:
o tempo não passou por nós.
Passou em nós.

Aquilo que Continua Tornando-se

Observei uma nuvem
durante toda a tarde.
Mudou de forma inúmeras vezes.
Montanha.
Vela.
Pássaro.
Neblina.
Mas em nenhum momento
deixou de ser nuvem.
Talvez a transformação
possua essa sabedoria.
Mudar sem abandonar.
Prosseguir sem repetir.
Continuar tornando-se
sem terminar de chegar.

A Volta da Chuva

A chuva voltou.
Mas não era a mesma chuva.
Outras folhas a receberam.
Outras raízes a esperavam.
Até a terra
possuía outro perfume.
Ainda assim,
quando ouvi seu rumor
sobre o telhado,
reconheci alguma coisa.
Não a água.
Mas a passagem.

Espiral

Voltei ao caminho
que percorria na infância.
A curva permanecia.

O campo permanecia.

O horizonte permanecia.

Mas eu chegava
de outro lugar.

Durante alguns instantes

pensei estar retornando.

Depois compreendi:

era o caminho

que retornava através de mim.

O Mesmo Rio ao Entardecer

Passei muitas vezes

pela margem daquele rio.

Na juventude.

Na maturidade.

Nos anos de silêncio.

Cada visita parecia diferente.

E, no entanto,

algo insistia.

Não a água.

Não a luz.

Nem mesmo a paisagem.

Talvez uma aproximação.

Uma forma de permanecer próximo

sem permanecer igual.

Aquilo que Reaparece

Há palavras

que voltam.

Canções.

Gestos.

Perguntas.

Durante anos acreditamos
que partiram.

Mas um dia,
sem aviso,
reencontram-nos.
Não regressam intactas.
Trazem novas sombras.
Novas luzes.
Novas distâncias.
Talvez o retorno seja isso.
Não a repetição do que foi.
Mas a fidelidade secreta
daquilo que continua vindo.

Campo Depois da Colheita

O campo parecia vazio.
As espigas haviam partido.
Os sulcos descansavam.
Nenhum fruto permanecia.
Quem passasse por ali
talvez visse apenas o fim.
Mas a terra sabia outra coisa.
Sob a superfície,
o solo respirava.
Preparava silenciosamente
aquilo que ainda não possuía nome.

Página Branca

Durante dias
a página permaneceu intocada.
Nenhuma palavra.
Nenhum verso.
Nenhum começo.
À primeira vista,
não havia nada.

Mas aos poucos compreendi
que o branco não recusava.
O branco acolhia.
Guardava um espaço
para aquilo que ainda não sabia chegar.

Entre as Estações

O inverno não contém flores.
Não contém frutos.
Nem o rumor das cigarras.
Ainda assim,
não é ausência.
É uma forma de espera.
Uma pausa da seiva.
Um recolhimento da luz.
Uma preparação invisível.
Às vezes,
o mundo trabalha melhor
quando parece imóvel.

O Lugar Sem Forma

Existe uma região
onde as formas repousam
antes de reaparecer.
Não a vejo.
Não consigo descrevê-la.
Mas reconheço seus vestígios.
Ela habita os silêncios.
As despedidas.
Os intervalos.
Os instantes em que algo termina
sem que outra coisa tenha começado.
Talvez seja isso

o que chamamos de Nada.
Não um desaparecimento.
Mas uma abertura.

A Ponte ao Amanhecer
Atravessei a ponte
antes que o sol aparecesse.
De um lado,
a noite ainda permanecia.
Do outro,
o dia já começava.
Durante alguns passos
não pertenci a nenhum dos dois.
Havia apenas o movimento.
E talvez fosse suficiente.

Soleira
A porta permanecia aberta.
Não entrei imediatamente.
Também não permaneci onde estava.
Durante alguns instantes
habitei a soleira.
Nem dentro.
Nem fora.
E compreendi que certos lugares
existem apenas para a passagem.
Não para a permanência.

Mudança de Margem
O rio não pediu explicações.
Apenas continuou.
A corrente levou o barco

lentamente para a outra margem.
Olhei para trás.
Nada havia sido perdido.
Olhei para frente.
Nada havia sido conquistado.
Ainda assim,
algo havia mudado.

O Passo Seguinte

Nem sempre sabemos
quando uma travessia começa.
Às vezes ela acontece
na palavra que finalmente dizemos.
Na despedida que aceitamos.
Na pergunta que deixamos partir.
Quando percebemos,
já estamos em movimento.
Já atravessamos.
Já somos um pouco outros.
E o caminho continua.

Primeira Luz

A manhã não repete
a manhã de ontem.
Outra névoa.
Outro vento.
Outra inclinação da luz.
E, no entanto,
quando o horizonte clareia,
algo em mim reconhece
o gesto do começo.
Não o mesmo começo.
Apenas o seu retorno transformado.

Semente de Depois

A árvore caiu.
O tronco regressou à terra.
As folhas dispersaram-se.
Durante algum tempo
pareceu haver apenas silêncio.
Mas junto às raízes,
quase escondida,
uma pequena semente aguardava.
Nem memória.
Nem continuidade.
Uma nova possibilidade.

Página Seguinte

Terminei de escrever.
Fechei o caderno.
A tarde avançou pela janela.
Pensei que o percurso
houvesse chegado ao fim.
Mas sobre a mesa
permanecia uma página.
Branca.
Inesperadamente branca.
Como se o livro inteiro
estivesse começando outra vez.

Aquilo que Recomeça

Não reconheço a origem.
Talvez porque ela não exista.
Ou talvez porque esteja sempre mudando.
O que reconheço

é outra coisa.
Uma insistência.
Uma delicada permanência
do movimento.
A onda retorna ao mar.
A estação retorna ao campo.
A palavra retorna ao silêncio.
E de cada retorno
nasce uma nova aproximação.
Talvez o mundo continue assim.
Recomeçando.
Sem regressar.

Coda — A Aproximação Continua

Durante algum tempo pensei que este livro procurava uma formulação.

Depois pensei que procurava uma ontologia.

Mais tarde imaginei que procurava um nome.

Hoje não tenho tanta certeza.

Porque, ao chegar ao final destas páginas, percebo que aquilo que me colocou em movimento continua diante de mim.

A aproximação não terminou.

Apenas mudou de forma.

As Atas registraram descobertas.

Os poemas acompanharam ressonâncias.

Mas nem as descobertas encerraram o que descobriram.

Nem os poemas esgotaram aquilo que procuraram cantar.

Talvez não pudesse ser diferente.

Porque nada coincide plenamente consigo mesmo.

Nem mesmo um livro.

Enquanto escrevia, muitas vezes tive a impressão de alcançar uma formulação definitiva.

Mas cada formulação abria uma nova pergunta.

Cada resposta revelava uma nova distância.

Cada chegada preparava outra partida.

Foi assim que o Quase apareceu.

Não como uma insuficiência.

Não como um fracasso da verdade.

Mas como o modo silencioso pelo qual as coisas continuam.

Uma árvore aproxima-se de sua forma.

Uma palavra aproxima-se de seu sentido.

Uma vida aproxima-se de si mesma.

E nenhuma delas conclui esse movimento.

Talvez seja justamente por isso que permanecem vivas.

Ao longo destas páginas, procurei acompanhar essa condição.

A roda que toca o chão.

O espelho que permanece disponível.

A forma que surge.

O intervalo que produz.

A não coincidência que sustenta.

A transformação que continua.

O retorno que reaparece.

O nada que reabre.

O passe que atravessa.

O (re)Início que aproxima novamente.

Agora o livro chega ao seu último limite.

Mas não ao seu último movimento.

Porque aquilo que foi pensado aqui pertence menos às páginas do que ao mundo.

Pertence às manhãs que ainda virão.

Às conversas que ainda não aconteceram.

Às palavras que ainda procuram linguagem.

Aos silêncios que ainda procuram forma.

Se existe uma conclusão, talvez seja apenas esta:

não habitamos uma realidade concluída.

Habitamos uma realidade que continua aproximando-se de si.

E talvez o nome mais simples para essa condição permaneça sendo o mesmo que acompanhou todo este percurso.

Quase.

Não como aquilo que falta.

Mas como aquilo que continua.

Como aquilo que vem.

Como aquilo que, mesmo chegando, permanece chegando.

E é por isso que o livro termina.

E a aproximação continua.

Notas de Proveniência

Este livro nasceu da convivência com a filosofia, a literatura, a poesia, a linguística e a psicanálise.

Entre as presenças mais constantes deste percurso encontram-se Homero, Heráclito, Platão, Emerson, Thoreau, Melville, Nietzsche, Heidegger, Saussure, Wittgenstein, Derrida, Deleuze, Freud, Lacan, João Cabral de Melo Neto, Virginia Woolf e Clarice Lispector.

Nenhum deles responde pela formulação aqui apresentada.

Mas todos participam, de modos distintos, do campo a partir do qual ela se tornou possível.

Este livro não busca verdades definitivas.
Busca compreender aquilo que
se aproxima delas sem jamais alcançá-las.

O Quase não é insuficiência.
É movimento. É intervalo. É forma.
É transformação. É retorno.
É o nada que recebe.
É o passe que atravessa.
É o (re)início que aproxima novamente.

Tudo o que existe
está em aproximação.
E é por isso que o mundo continua.